

USOS, APROPRIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE UM ESPAÇO URBANO

ROSELANE GOMES BEZERRA*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a possibilidade de se estabelecer um recorte etnográfico na urbe, para examinar a relação entre intervenções urbanas, usos, apropriações, representações e disputas simbólicas, sem se distanciar da lógica sócio-espacial da cidade.

Considero o bairro Praia de Iracema, da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, como um “lugar estratégico”¹ para esta reflexão, tendo em conta tratar-se de um espaço que passou por processos de “requalificação” urbana, e também por apresentar uma vasta produção simbólica em registros de análises históricas, monográficas, arquitetônicas, etnográficas e jornalísticas, sendo também “cenário” de produções literárias, musicais, guias urbanos e materiais de divulgação turística. As diversas narrativas e imagens sobre a Praia de Iracema são decorrentes de seu papel representativo em alguns fatos históricos da cidade, sendo o bairro considerado sintomático das diferentes fases vividas

RESUMO

Este artigo analisa usos, apropriações espaciais, representações e disputas simbólicas ocorrentes no bairro Praia de Iracema, situado na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará-Brasil, após as intervenções urbanísticas implementadas pelos governos Estadual e Municipal nos anos 1990. Destaca especialmente as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus”, considerando-as como sinalizadoras de marcas temporais e espaciais.

ABSTRACT

This article aims to present the uses, the space appropriations, the representations and the symbolic disputes occurring in the neighbourhood of Praia de Iracema, located in the city of Fortaleza, capital of the state of Ceará, Brazil, after the interventions in the urban planning implemented by the State and Municipal governments during the 1990s. The main focus is on the symbolic representations associated with the “bohemian” and the “good-bye” allegories, interpreted as signalling temporal and spatial references.

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e investigadora associada do Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas (NECCURB), do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

por Fortaleza, ou mesmo um lugar que representa a memória do apogeu e da decadência de algumas elites no sentido social, econômico e cultural.

Foram exatamente as ambigüidades que me fizeram percebê-lo como o ponto de partida para uma análise sobre a construção de representações nos espaços urbanos. Recorrentemente, a Praia de Iracema é percebida como um bairro tradicional, bucólico, boêmio, turístico e aprazível, mas também como decadente e degradado. Assim, existem diferentes construções simbólicas sobre o real, nas quais o poder das palavras para enaltecer ou recriminar esse bairro depende da legitimidade daqueles que as pronunciam.² Como afirma Bourdieu (1989), a palavra é o símbolo de comunicação por excelência porque ela representa o pensamento, a fala; revela sistemas de valores, normas e símbolos e tem a magia de

transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

Nessa perspectiva, estudos acadêmicos, poesias, canções, guias turísticos e principalmente os discursos difundidos nos meios de comunicação são “autores” ou “autoridades”³ que vêm exercendo um grande poder na construção das diferentes representações sobre este espaço da cidade de Fortaleza. Trata-se de uma área que no início do século XX ainda era uma aldeia de pescadores denominada Porto das Jangadas, Praia do Peixe ou Grauçá. Neste sentido, concordo com Barreira (2007: 179) ao informar que na Praia de Iracema “a tradição recuperada é inventada na tensão entre a cidade a ser apresentada e aquela a ser vivida: os múltiplos usos, os conflitos e os sentidos atribuídos ao patrimônio e à sociabilidade”.

Em decorrência da apropriação⁴ deste espaço por parte da elite econômica de Fortaleza, naquele período, a então Praia do Peixe passou a ser reconhecida na cidade como um lugar encantador e bucólico, inclusive adquirindo o epíteto de Praia dos Amores. Foi também o cenário para o início da prática do banho de mar como medida terapêutica, e mesmo para contemplação e lazer, nos anos 1920. Além disso, processavam-se também ali alterações no espaço urbano, através da construção de casas alpendradas ou do tipo bangalô de frente para o mar.

Esses fenômenos revelaram a necessidade de transformação da denominação Praia do Peixe por meio de um movimento apoiado pela imprensa local. Neste sentido, a jornalista Adília de Albuquerque projetou a idéia de que fosse erguido na praia um monumento a Iracema, em homenagem à heroína do romance de José de Alencar, e alguns meios de comunicação passaram a sugerir uma outra designação, desqualificando a antiga, como pode ser constatado neste trecho de jornal: “Aquella estação balnear, com os seus confortáveis chalets de stylo moderno,

requer, por certo, outra denominação menos repulsiva” (O Nordeste, 2 de julho de 1925). Motivados pela imprensa, os moradores do bairro já haviam encaminhado ao então prefeito de Fortaleza, Godofredo Maciel, um abaixo-assinado para oficializar a mudança, conforme se observa em registro da revista Ceará Ilustrado, de 1924: “Solicitamos que mude a denominação imprópria e vulgar por que é conhecido aquelle encantador trecho de Fortaleza para a de Praia de Iracema”. (Revista Ceará Ilustrado, n.º. 13, 5 de outubro de 1924)⁵. Com a nova designação, as ruas do bairro ganharam nomes de etnias indígenas como: Tabajaras, Pacajus, Arariús, Potiguaras, Groaíras, Cariris, Tremembés e Guanacés.

Em meados dos anos 1920, a Praia de Iracema passa a ser noticiada nos meios de comunicação como um lugar de hábitos e sociabilidades seletos, como sugere este título: “Está chic agora a praia” (Revista Ceará Ilustrado, n.º. 70, 8 de novembro de 1925), caracterizando os usos e apropriações das elites como legítimos para aquele espaço da cidade.

Porém, esse período coincide com o fim simbólico da *belle époque* em Fortaleza⁶, iniciando-se uma nova organização espacial da cidade. Ponte (2000) justifica essa demarcação devido à remodelação da Praça do Ferreira, no centro, na gestão do prefeito Godofredo Maciel, em 1925, que alargou as alamedas laterais da praça para facilitar o trânsito, demolindo os quatro cafés afrancesados – Java, Elegante, Iracema e do Comércio – e o Jardim 7 de Setembro. Segundo este autor, os cafés e o jardim eram signos da modernidade em Fortaleza, marcada pelos ideais de “civilização” e “aformoseamento” da *belle époque* fortalezense. E acrescenta que a transformação da Praça do Ferreira, por ser esta o centro da cidade, no qual as principais mudanças e novidades ocorriam com maior ressonância, “é exem-

plar para demonstrar também que, nos ruidosos e congestionados anos 20, tem início a constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento” (PONTE, 2000: 186).

Nessa perspectiva de transformação do desenvolvimento urbano, em 1927, o bairro Praia de Iracema foi ligado ao centro da cidade, por meio de um sistema de avenidas. Vale ressaltar que essa expansão da cidade de Fortaleza é assentada numa acentuada segregação sócio-espacial. Nos anos 1940, por exemplo, o número de habitantes de Fortaleza cresceu cerca de 50%⁷; porém, a sua estética urbana foi vinculada ao deslocamento residencial das elites para o bairro de nome Aldeota⁸, em uma espécie de fuga, devido à presença de uma vizinhança indesejada, ou seja, do proletariado, principalmente no até então bairro nobre Jacarecanga. Essa época registra também um intenso processo de urbanização, que transformou a aparência da parte nobre da cidade por meio de pavimentação das vias, uso de meios-fios de pedra, nivelamento das calçadas, iluminação elétrica de logradouros públicos, arborização de ruas centrais, difusão de bangalôs como forma de moradia, arranha-céus com uso de concreto armado e uma disseminação da estética *Art Déco*, adotada como símbolo de modernidade (CASTRO, 1988).

Nessa época, o bairro Praia de Iracema figurava na cidade como espaço de lazer, residencial e de pescadores. Ao lado de jangadas, que ainda restavam, encontravam-se os banhistas, tendo em vista que a prática do banho de mar já havia se consolidado entre os fortalezenses.

No bairro encontravam-se também os *balneários* – que eram estabelecimentos, com bar; um local para troca de roupa; aluguel de calções de banho e guarda de pertences dos freqüentadores –, como o

famoso *Gruta da Praia*, localizado na esquina da rua Tabajaras com Tremembés. Outros estabelecimentos que contribuíram para a associação deste bairro a um espaço de lazer foram o Praia Clube, o América Jangada Clube e o Hotel Pacajus, este, o primeiro construído à beira-mar. Existiam também bares e restaurantes como o Ramón. Um edifício deste bairro que alcançou grande destaque na estética da cidade foi o clube dos americanos, ou *United States Organization*⁹, instalado em 1944, na antiga residência de veraneio do comerciante José Magalhães Porto.

Na segunda metade dos anos 1940, a Praia de Iracema começou a apresentar uma nova configuração espacial, em virtude do avanço do mar, decorrente da construção do porto do Mucuripe¹⁰. A erosão causada pelo avanço do mar suscitou uma alteração no movimento das correntes marítimas, acarretando uma significativa diminuição da faixa de praia e o desmoronamento dos bangalôs, construídos de frente para o mar. As imagens dos destroços das edificações e as matérias jornalísticas noticiando tais destruições contribuíram para dar visibilidade ao “fim” da Praia de Iracema como um lugar nobre e de destaque para a estética da cidade, conforme se pode observar nos trechos que se seguem:

Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado (O Povo, 6 de abril de 1946); Nestes próximos dias, a maré investirá com grande violência, vindo a atingir, talvez, os ricos ‘bungalows’ da nossa aristocrática praia. Destacam-se entre os prédios mais visados pela fúria do mar os de propriedade da família João Gentil, do Sr. José Porto, a antiga sede da United States Organization (U.S.O) e o do antigo ‘Ideal Clube’ (...). O fato é que estamos mais uma vez diante de uma situação difícil, pois se a maré próxima for impetuosa, assistiremos à eliminação dos

'bungalows', com prejuízos para a própria estética da cidade (O Povo, 27 de abril de 1946, grifos meus).¹¹

Em decorrência da destruição de parte do casario e da redução da faixa de praia, assuntos bastante difundidos nos meios de comunicação social, houve algumas mudanças nos usos, apropriações e representações daquele espaço. Com a inexistência de banhistas, os *balneários* entraram em decadência e os pescadores migraram para outras praias. Além de destruir as casas, o mar também devastou a praia, que fora cenário de passeios.

Essa representação do fim da Praia foi eternizada em uma canção do cantor e compositor Luiz Assumpção, intitulada “Adeus Praia de Iracema”, que se popularizou no carnaval de 1954. O fim anunciado nesta canção arroga um sentimento de perda para a cidade, por meio das palavras *adeus, saudades, passou e fracasso*. A canção reproduz também a visibilidade de usos no bairro associados ao idílico, como a descrição de casais apaixonados que entre beijos e abraços trocavam juras de amor.

Adeus, adeus / Só o nome ficou / Adeus, Praia de Iracema / Praia dos Amores que o mar carregou / Quando a lua te procura / Também sente saudades / Do tempo que passou / De um casal apaixonado / Entre beijos e abraços / Que tanta coisa jurou / Mas a causa do fracasso / Foi o mar enciumado / Que da praia se vingou (Luiz Assumpção, 1954).

A importância simbólica desta canção para a cidade de Fortaleza consiste no fato de que, no decorrer dos últimos cinquenta anos, os problemas referentes aos usos e apropriações do espaço na Praia de Iracema ganharam visibilidade na imprensa local por meio da sua idéia principal, ou

seja, o “adeus” ao bairro. Nesse sentido, o tom melancólico que descreve esse fim é entendido por mim como o “mito fundador” de todo um discurso sobre a “degradação” da Praia de Iracema. Como afirma Mircea Eliade (2002), o “mito” tem como objetivo relatar um acontecimento que teve lugar no “tempo primordial”, ou seja, é a narração de uma criação e descreve a maneira como algo foi produzido, como começou a existir. Então, baseando-me nesta noção – que, segundo Eliade, pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares –, tomo o “adeus”, proposto nesta canção, como o “mito fundador” das narrativas de caráter simbólico a respeito do fim de determinados usos e apropriações do bairro Praia de Iracema.

Como pode ser visto no trecho que se segue, o “adeus” ainda é recorrente no discurso jornalístico, seja para denunciar problemas de infra-estrutura, seja para criticar o tipo de práticas sociais no bairro:

Adeus, Praia de Iracema!

Os jornais registraram com toda a ênfase necessária o destino que terá o Estoril, o maior referencial da boemia artístico-intelectual de Fortaleza, que agora será transformado em Centro Cultural. Encravado na outrora aristocrática e bucólica Praia de Iracema, o prédio pontua como um dos símbolos daquela área, hoje um pálido reflexo do que já foi um dia. Ao contrário do que cantou Luís Assumpção, o poeta-músico, não foi o mar que carregou a “Praia dos Amores”, foi a frieza e total irresponsabilidade das autoridades que permitiram a invasão de estrangeiros que transformaram o pequenino bairro em reduto da prostituição, das drogas e de tudo quanto é nocivo (Diário do Nordeste, 21 de novembro de 2005).

Este relato imprime uma idéia de decreto do “fim”, pois assim como o mar “carregou a praia” nos idos anos 50, a indústria do turismo, a especulação imobiliária, a poluição sonora, entre outros problemas urbanos, “carregaram o bairro” da cidade. O argumento utilizado nesta matéria jornalística demonstra uma reprovação dos novos usos e apropriações desse espaço. Nota-se também que os termos *boemia*, *artístico-intelectual*, *aristocrática* e *bucólica*, usados para referenciar qualitativamente o bairro, são confrontados com *invasão de estrangeiros*, *prostituição* e *drogas*, fenômenos associados aos “maus usos” como expressão simbólica do fim.

Antagônica às classificações da Praia de Iracema por meio do “adeus”, a *boemia* é outro símbolo de visibilidade social do bairro, sendo utilizada recorrentemente em imagens e discursos para justificar a sua importância na cidade. Neste sentido, a *boemia* é também associada à tradição e ao lazer, pois o bairro é referenciado em crônicas, artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos como “reduto de artistas e intelectuais”, “cartão postal” da cidade ou “lugar tradicional”, “bucólico” e “boêmio”, ou mesmo como cenário “lútero-etílico-cultural”. Para dar um tom idílico e de continuidade ao tempo passado, alguns ex-freqüentadores de antigos bares, nomeadamente o Estoril e o Cais Bar, se auto-intitulam “iracemitas” e “estorilistas”, contribuindo para consolidar, perante a opinião pública, a imagem da Praia de Iracema como um lugar “boêmio”.

A presença de diversos bares e restaurantes na Praia de Iracema também concorreu para esta associação do bairro com a “boemia”, fenômeno que é reforçado nas descrições etnográficas daquela parte da cidade, como pode ser visto nesta citação, na qual os seus usos e apropriações são apresentados por meio da representação da “boemia”:

Na década de 1950, foi inaugurado, defronte ao hotel, o restaurante Lido que figurou, até os anos 1970, como uma casa de pasto que reunia a elite fortalezense, ficando, também, afamado como um local de vida boêmia. Alguns bares surgiram nas ruas de toponímia indígena, em meio às residências da população de classe média e classe média baixa do bairro: Tonny's Bar, El Dourado, Nick Bar e Jangadeiro. O Restaurante Estoril, funcionando desde 1948 na antiga residência da família Porto, onde funcionara o cassino dos americanos, começou a atrair os boêmios seresteiros da cidade (SCHRAMM, 2001: 47, grifos meus).

Algumas práticas sociais, em forma de protestos contra determinados usos e apropriações do bairro, como construção de motéis, funcionamento de boates e presença de turistas estrangeiros e prostitutas também ganham visibilidade nos meios de comunicação através de discursos que definem a Praia de Iracema como o reduto de usos relativos à “boemia tradicional” da cidade.

Esta representação contribuiu para as transformações espaciais e sociais da Praia de Iracema, tendo em vista que o processo de “requalificação”, com o objetivo de transformar áreas “degradadas” do bairro em lugares de entretenimento e “patrimônio cultural”, iniciado nos anos 1990, foi decorrente também dessa imagem. O marco simbólico que sinaliza essa transformação nos usos e apropriações do bairro foi a convocação dos moradores da Praia de Iracema, por parte de representantes do Governo do Estado, em 1985, para uma reunião com o objetivo de discutir uma proposta de aproveitamento dessa área da cidade. Naquela ocasião, representantes do Instituto de Arquitetos do Brasil no Ceará/IAB-CE foram convidados pelos moradores para

avaliar as propostas do governo. Segundo um arquiteto presente à reunião, constituía-se propósito dos administradores estaduais transformar a Praia de Iracema em um local turístico. Foi defendida a idéia de que se tratava de “um lugar atrativo devido à sua história, localização e fama decorrente da presença do Estoril, que proporcionou uma imagem de **boemia** ao bairro”. Por esses motivos, a Praia de Iracema foi definida por alguns gestores como um lugar com “vocação natural para o lazer” (Entrevista com arquiteto do IAB-CE, em 22 de março de 2007).

“UMA PRAIA DE IRACEMA MODERNA”

Sob o argumento de uma busca de desenvolvimento econômico para o Estado do Ceará, o empresário Tasso Jereissati, eleito governador, inicia, na sua primeira gestão (1987-1990), uma reforma administrativa na qual explicitava como objetivo modernizar o Estado e desenvolver o turismo local. Essa política teve continuidade no governo de Ciro Gomes (1991-1993), seu aliado político; e, posteriormente, no segundo e terceiro mandatos de Jereissati (1995-1998 e 1999-2002). Visando construir uma imagem do Ceará como um estado moderno¹², implantou uma política industrial mediante concessão de incentivos fiscais e investimentos em infraestrutura de transporte, recursos hídricos e educação. Nesse contexto, o turismo aparece como prioridade política, justificando, assim, a criação, ainda na sua primeira gestão, da Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará/CODITUR, substituída, posteriormente, pela Secretaria Estadual de Turismo (GONDIM, 2007).

Como parte desse modelo administrativo, que planeja a atividade turística nos moldes empresariais¹³, foram construídos: um terminal in-

ternacional para o aeroporto; rodovias ligando Fortaleza às praias dos litorais Leste e Oeste; o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura¹⁴, além da reforma da Ponte dos Ingleses, na Praia de Iracema. Foram criados também programas de capacitação de recursos humanos, como formação de garçons e serviços de hotelaria.

A imagem da Praia de Iracema como lugar turístico pode ser associada também a uma disputa administrativa entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Fortaleza. As gestões dos prefeitos Juraci Magalhães (1990-1992¹⁵, 1997-2000; 2001-2004) – aliado e posteriormente oponente dos governadores Tasso Jereissati e Ciro Gomes – e Antônio Cambraia (1993-1996), coligado a Juraci Magalhães, se destacaram por grandes intervenções no espaço público para fins de turismo. Ao longo dos respectivos mandatos, foram construídos viadutos; terminais integrados de transporte; um novo prédio para o Mercado Central (este, conhecido desde muito pela venda de artesanatos locais); além de abertas e alargadas novas vias urbanas; reformados o Mercado São Sebastião e a Praça do Ferreira; reconstruído o restaurante Estoril, ícone da “boemia” da Praia de Iracema, e construído um calçadão na parte costeira desse bairro, que, como será visto a seguir, causou uma grande transformação nos usos desse espaço da cidade e na imagem de Iracema como lugar de lazer e turismo.

O início dos anos 1990 demarca o ápice da disputa administrativa entre os governos estadual e municipal, com interesse em atrair a atenção de moradores da cidade e de turistas para suas obras de intervenção. Nesse sentido, o bairro Praia de Iracema tornou-se a “vitrine” desses modelos administrativos, que apresentavam como objetivo intervir no espaço urbano, transformando áreas “degradadas” em

lugares de entretenimento, consumo cultural e turismo. Alguns moradores da Praia de Iracema sentiram de perto esse processo de transformação de espaços públicos do bairro em territórios “oficiais” de lazer, como afirma um antigo morador:

Quando entram o Tasso Jereissati [governador] o Ciro Gomes [governador] e o Juraci Magalhães [prefeito] aqui, começa a haver um processo de disputa administrativa. O prefeito constrói o calçadão, aí o Ciro faz a reforma da Ponte, o prefeito faz uma coisa, aí o Ciro faz outra coisa, então a Praia de Iracema passa a ser o alvo de todas as ações, parecia que o Estado do Ceará era a Praia de Iracema. Ela era a vitrine, se transforma num canteiro de obras (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005).

Um outro fator de mudança nos usos e apropriações desse espaço da cidade foi a construção de prédios com mais de dez pavimentos, alterando sua harmonia arquitetônica, composta até os anos 1980 por casas térreas e sobrados. Nas notícias veiculadas nos meios de comunicação, no início da década de 1980, sobre a construção desses grandes edifícios de apartamentos é frequente o uso de termos como *ameaça*, *especulação imobiliária* e *afronta* à paisagem do lugar. Assim, no título “Depois do mar à voragem da especulação imobiliária” (*O Povo*, 26 de maio de 1980), percebo que os jornais colaboravam na construção de um discurso agonístico, que ficou notabilizado no “adeus à Praia de Iracema”, para definir o processo de mudança espacial que se iniciava no bairro.

As ameaças de mudanças no uso e ocupação do solo na Praia de Iracema, que se iniciou nos anos 1980, concorreram também para uma mobilização dos moradores, na tentativa de deter tal processo. Segundo um morador, “a Associação de Moradores

da Praia de Iracema/AMPI [fundada em 1984] organizou um grande movimento pela sua preservação, com adesão de artistas e intelectuais”. Acrescenta, ainda, que o objetivo da AMPI era o ordenamento da ocupação do solo: “a luta era contra a especulação imobiliária (...), era preservar aqui e agora; a nossa luta era ecológica, era sobre o uso e ocupação do solo, o zoneamento e as leis” (Entrevista concedida em 19 de maio de 2005). Seu discurso demonstra que, além de uma preocupação em preservar a “identidade” do lugar – que possuía como característica ser um bairro residencial e freqüentado por “artistas e intelectuais” –, existiu também a busca da preservação ambiental.

Conforme o relato deste entrevistado, a AMPI, juntamente com o IAB-CE, conseguiu a aprovação de uma lei estabelecendo o bairro como ZE-2 (Zona de Renovação Urbanística), com o objetivo de sustar a especulação imobiliária em curso e estabelecer diretrizes para compartilhar os usos residenciais, de lazer e de turismo. Mas, por falta de regulamentação desta lei e com o poder dos especuladores, alguns edifícios com mais de dez pavimentos, foram construídos no núcleo costeiro do bairro.

Em meados da década de 1980, o temor da destruição do bairro, causado pelas novas formas de ocupação do espaço, dá uma grande visibilidade à Praia de Iracema nos meios de comunicação. Nesta perspectiva, eram comuns matérias jornalísticas que ilustravam esse processo de mudanças por meio de um discurso que simbolizada uma “luta pela vida”, como pode ser visto nos seguintes títulos veiculados pelo jornal *O Povo*: “Praia de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas” (02/08/84); “Praia de Iracema – reduto histórico e cultural em busca de sua preservação” (16/11/84); “Entidades vêm ameaça à Praia de Iracema” (28/07/85); “Praia de Ira-

cema: saudade e resistência” (02/08/85); e “Praia de Iracema perde sua identidade” (20/11/85). Lê-se nestes títulos a alegoria do “adeus”, por meio de palavras como *destruição*, *ameaça*, *saudade* e *perda*, enquanto os léxicos *preservação* e *resistência* são utilizados para designar a busca de uma preservação do bairro como patrimônio material e simbólico da cidade.

Na final da década de 1980, havia se concretizado no bairro Praia de Iracema uma grande especulação imobiliária, acarretando a verticalização de alguns trechos defronte à beira-mar e investimentos da iniciativa privada em novos bares e restaurantes. Segundo o relato do proprietário de um destes novos estabelecimentos, os investimentos da iniciativa privada contribuíram para todo um processo de mudança nos usos e representações do bairro, proporcionando o surgimento de uma “Praia de Iracema moderna”, no sentido de que a “boemia” dos antigos usuários foi reapropriada, dando lugar a novos usos e apropriações, ou mesmo a uma “nova Praia de Iracema”.

*Nós tínhamos quatro pontos de comércio que são essenciais na Praia de Iracema: é o Estoril, que mesmo na decadência, mesmo criando porco, mesmo fedendo e sendo um caso de saúde pública era bom, porque era a casa da moçada; a casa de um certo número de pessoas que viveram a adolescência ou a chegada na idade adulta, e ao mesmo tempo era um refúgio. (...) Uma outra casa importante era o La Trattoria, que foi o primeiro restaurante desse novo período da Praia de Iracema, dos anos oitenta, e fez um bom trabalho, era muito freqüentado. E tínhamos o Cais Bar e o Pirata. Pra mim essas quatro casas são a base, são o cimento da **nova Praia de Iracema**. O Estoril que era uma referência, o Cais Bar que era o boteco de uma certa moçada como arquitetos e médicos. O La Trattoria que era importante como restaurante*

*porque pela primeira vez a sociedade, quer dizer a Aldeota, vinha pra Praia de Iracema, (...). Essas quatro casas são fundadoras da **Praia de Iracema moderna** (Entrevista concedida em 10 de maio de 2005).*

Na opinião de um morador que reside há 20 anos no bairro, o processo de transformação nos usos da Praia de Iracema foi decorrente da imagem da boemia e da instalação de um restaurante freqüentado pela elite econômica da cidade de Fortaleza, seguido da instalação do *Pirata*¹⁶. Do seu ponto de vista, a inserção dos freqüentadores nesses espaços contribuiu para a emergência de diversos comércios voltados para o lazer noturno, impulsionando a saída dos moradores, como pode ser visto no seu relato:

Havia uma imagem da Praia de Iracema que estava na música que o “mar carregou”. Em períodos anteriores aqui tinha o bar do Tony, ali teve o Panela, do colunista Lúcio Brasileiro; mas isso há muito tempo atrás. Aí teve toda a decadência; a decadência gostosíssima; eu peguei essa parte bucólica que era a decadência (...) então, puxado por uma figura de proa que foi o restaurante da Sandra Gentil que ela puxou a society de Fortaleza para olhar para a Praia de Iracema. Depois, veio o Júlio Pirata que pirateou tudo; ele veio de roldão; é um empresário muito dinâmico e deu uma vida noturna e claro que foram surgindo outros bares e chegou ao ponto que ficou intolerável para os moradores (Entrevista concedida em 10 de março de 2006).

Estes depoimentos dão conta de uma disputa simbólica nessa fase da Praia de Iracema, que se notabilizou por usos voltados para o lazer. As expressões “nova Praia de Iracema” e “Praia de Iracema moder-

na” simbolizam a nova fase, em detrimento de usos definidos por meio das categorias nativas *decadência* ou *decadência gostosíssima e bucólica* utilizadas para classificar os usos do passado. Este último discurso sugere também que houve uma ruptura daquela “relação harmoniosa” entre os moradores e os espaços de lazer que existiam antes das apropriações espaciais por diversos bares, restaurantes e casas de show.

As narrativas sobre os usos e apropriações espaciais da Praia de Iracema demonstram também que as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus” contribuíram para a transformação deste bairro em “patrimônio cultural” da cidade, inserindo-o nas políticas de “requalificação” dos centros históricos.

A PRAIA DE IRACEMA “PARA TURISTA VER”

As intervenções urbanísticas implementadas na Praia de Iracema, no início dos anos 1990, podem ser percebidas como reformas do espaço urbano “para turista ver”, pois a aparência da nova arquitetura passou a compor o desenho de uma Fortaleza moderna, aberta para receber novos visitantes, sejam eles turistas ou moradores da cidade, e na qual a representação do “lugar requalificado” ou “enobrecido” estava estampada em áreas urbanizadas e edificações construídas e reformadas.

A urbanização do núcleo costeiro do bairro que originou o “calçadão” foi a primeira intervenção governamental na Praia de Iracema, e pode ser definida como uma obra capaz de tornar aparente ou visível a representação do lazer e da “boemia”, já associadas ao bairro. Em seguida, veremos que a reforma da Ponte dos Ingleses¹⁷ foi uma outra iniciativa que objetivou dar visibilidade à Praia de Iracema como um “lugar turístico”. Definida pelo arquiteto

Fausto Nilo, um dos realizadores do projeto, como a primeira parte de um programa político mais amplo de “requalificação” do bairro que interligaria a “velha ponte” ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; esse equipamento teve como objetivo abrigar novas sociabilidades especialmente como lugar de contemplação para novos visitantes.

O Estoril, destacado em diferentes narrativas da cidade como ícone da “boemia”, se tornou, após o seu desmoronamento em 1994 e reconstrução em 1995, um elemento simbólico da história do bairro e da cidade. Nesse espaço, os frequentadores podiam ver fotos antigas da própria edificação, expostas estrategicamente em suas paredes, como uma forma de legitimá-la para a história do bairro. A Praia de Iracema “turística” reafirmou a representação simbólica da boemia por meio da instalação de diversos bares e restaurantes localizados nas ruas e becos estreitos do bairro. Restaurantes franceses, cantinas italianas, barzinhos e botecos recriavam o tom da boemia que poderia ser vista, ouvida e degustada. O *Pirata*, com um forró às segundas-feiras, se tornou, rapidamente, uma grande atração do bairro. Estrategicamente organizado, esse ambiente passou a animar, apelando dentre outros aspectos, para a exacerbação do volume do som, as noites de um dia da semana em que até mesmo os turistas não têm muita opção.

Em clima de festa para os visitantes e muitos conflitos simbólicos entre habituais e novos frequentadores, disputando os espaços de lazer, assim como entre comerciantes e moradores que reivindicavam uma organização sócio-espacial para continuarem residindo no bairro, a Praia de Iracema ganhou um Centro de Arte e Cultura. Rapidamente absorvido como opção de lazer e cultura da cidade, esse equipamento se consolidou como um im-

portante elemento para o entendimento dos usos e apropriações nesse espaço, eleito pelos governos municipal e estadual, como alvo para a implementação de obras capazes de dar visibilidade aos seus modelos administrativos. Fazendo uma comparação à antiga expressão acima referida, esse espaço também se tornou muito importante “para ser visto”.

INTERMITÊNCIAS DO BAIRRO

A falta de comunicação entre as intervenções realizadas pela Prefeitura Municipal e Governo do Estado, aliada à falta de planejamento, desencadeou um novo desenho desse espaço da cidade vista em “retalhos”, ou seja, o bairro foi fragmentado. Idealizaram complexos de lazer e cultura sem levar em conta que a Praia de Iracema e a cidade iriam se ressentir dessas intervenções. No meu entendimento, esses espaços “requalificados” se tornaram “espaços para visitação”. Originária do verbo *visitar*, esta palavra da língua portuguesa significa, “ir ver por cortesia, dever, curiosidade ou caridade”; já o substantivo *visita* é definido como o “ato de ir ver alguém em sua casa”. Assim, partindo da etimologia deste vocábulo, percebo como esses espaços “requalificados” da Praia de Iracema passaram a ser usados como a sala de visitas do bairro e da cidade, ou seja, como “compartimentos” organizados e decorados para receber visitantes. Imbuídas de curiosidade, as pessoas “usavam” tais espaços no sentido de ver, observar e sair; ou seja, os usos se tornaram efêmeros, como é próprio de uma *visita*¹⁸.

Ressalto, ainda, que as representações construídas para esses espaços “requalificados”, por parte dos gestores, foram tão importantes quanto suas edificações; pois estas podem ser entendidas como um “convite” à visita. Tomo como exemplo um “Folder Turístico Cultural” distribuído pela prefeitura

municipal de Fortaleza, que apresentava a Ponte dos Ingleses como um espaço reformado para receber visitantes devido ao seu valor histórico para a cidade, inclusive atribuindo-lhe a característica de porto da cidade, fato que nunca ocorreu: “(...) ponto de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias até meados da década de 40. Atualmente, foi **reformada para visitação**, passando a contar com uma pequena galeria de arte e um observatório marinho. Seu pôr-do-sol é considerado o mais belo da cidade¹⁹” (...) (grifos meus). Outro exemplo, também apresentado nesse *folder* é o Estoril, promovido, equivocadamente, a ícone fundador do bairro: “Construído em 1925, o Casarão Vila Morena originou o Bairro Praia de Iracema, anteriormente Praia do Peixe” (...).

Outro fenômeno que identifiquei na Praia de Iracema foi o fato de haver nos espaços “requalificados” uma “invasão do espaço pelo texto” (AUGÉ, 1994: 92); ou seja, nesses “espaços para visitação”, como o *Estoril*, a *Ponte dos Ingleses*, o *calçadão*, o *Centro Dragão do Mar*, e os diversos “espaços cênicos”, como por exemplo o *Pirata*, passou a predominar uma comunicação silenciosa através de frases como “Você está aqui”, “Bem-vindo”, “Muito obrigado por sua visita”, “Agradecemos a sua visita”; ou seja, os espaços passaram a ser apresentados por meio de textos escritos que objetivavam permitir ao visitante se encontrar em meio ao desconhecido, oferecendo uma sensação de segurança e familiaridade durante a sua permanência. Portanto, além dos “territórios lúdicos”, “que são lugares/cenários edificados de raiz para serem usados como espaços de entretenimento” (BAPTISTA, 2005: 47), na Praia de Iracema se constituíram também espaços cênicos, que podem ser definidos como lugares/cenários de lazer constituídos a partir de novos usos e apropriações.

Contudo, concordo com Michel de Certeau (1994) quando este afirma que as “astúcias milenares” da “invenção do cotidiano” e das “artes de fazer” podem abrir caminho para o desenvolvimento de estratégias de usos, ou seja, as práticas quotidianas desencadeiam transgressões nos “espaços para visitação”. No caso da Praia de Iracema, após a “requalificação” de algumas áreas, surgiram novos usos e apropriações e perdeu-se a realidade dos “circuitos” e “trajetos” de antigos usuários, desencadeando um “estranhamento” por parte dos frequentadores habituais, que orientavam seus usos, e dos moradores, que usavam o bairro como um lugar residencial.

Na seqüência dessa “segmentação” da Praia de Iracema a partir das intervenções arquitetônicas, os diferentes usuários do bairro construíram novos significados para as áreas “requalificadas” por meio de diferentes usos, apropriações espaciais, classificações e conflitos, desencadeando as diversas representações por parte dos gestores, meios de comunicação social, comerciantes e moradores.

Nessa perspectiva, constatei que, após as intervenções urbanísticas, o bairro se tornou, na opinião dos gestores, um Patrimônio Histórico Municipal, cartão-postal e símbolo da cidade; para os meios de comunicação, era um lugar de lazer noturno e patrimônio simbólico da boemia, porém apresentando apropriações “irregulares”. Os comerciantes passaram a concebê-lo como um potencial de lazer, também econômico, enquanto os moradores se ressentiam da poluição sonora e da transformação do caráter residencial do bairro. Esta tensão demonstrou que as representações da Praia de Iracema, construídas de formas endógenas e exógenas, revelam-se múltiplas e conflituosas entre si.

Passados alguns anos das intervenções, a pesquisa etnográfica em alguns espaços do bairro, es-

pecialmente entre janeiro e agosto do ano de 2005, me fez compreender que as representações da Praia de Iracema como *tradicional* ou *degradada* desempenham um papel de recriar momentos idílicos vividos no passado, mitificando uma realidade social com personagens e papéis ideológicos. Ou seja, percebi que as classificações construídas pelos frequentadores da Ponte dos Ingleses, da casa de show Pirata, dos bares, restaurantes e boates da rua dos Tabajaras e seu entorno e pelos moradores participantes das reuniões do Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema²⁰ são construções sociais e se constituem como o início do fio da “teia de significados” (GEERTZ, 1989) para o entendimento das disputas simbólicas nesse espaço, pois a descrição dos usos e apropriações nesses “lugares” é acompanhada de um discurso acusatório, associando diferentes “eventos” com a imagem da “degradação” do bairro.

É importante salientar também que a articulação entre os usos e as apropriações espaciais e seus efeitos sobre as representações, as imagens e as disputas simbólicas nesse espaço urbano é paradigmático de processos presentes em outras cidades que viveram projetos de “requalificação”. Como informa Barreira, “o movimento de recuperação e atribuição de dignidade a locais considerados históricos” orienta a lógica das intervenções, e a perspectiva denominada ‘deterioração’ ou ‘degradação’ “passa a significar o outro lado da mesma moeda” (2007: 179). Neste sentido, os projetos de “requalificação” têm o papel de identificar áreas tradicionais e transformá-las em “patrimônio e mercadoria cultural”. Nesse processo, a emergência dos usos e das apropriações espaciais considerados “não-legítimos” e “ilícitos” para os espaços “requalificados”, ou seja, históricos e tradicionais, geram as disputas simbólicas. Assim, tais espaços passam a contemplar “praticantes” e

apropriações espaciais apontados, em diversos discursos, como “porta-vozes” da degradação.

Esse fenômeno é decorrente do fato de os utilizadores dos espaços urbanos, ou seja, os “praticantes”, recriarem os sentidos planejados pelos arquitetos e urbanistas a partir de suas práticas sociais. Para Certeau, os “praticantes da cidade” “transformam em outra coisa cada significante espacial” (1994: 178), o que pode gerar conflitos simbólicos na ocupação dos espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, acredito que as imagens e representações acerca deste bairro parecem sintetizar um conjunto de elementos que diz respeito à cidade, a saber, a preservação do patrimônio material e simbólico de Fortaleza, no sentido da sua memória e manutenção de equipamentos públicos. A Praia de Iracema pode ser definida como sinalizadora do êxito ou fracasso das políticas municipais, e mesmo estaduais.

Outro fator a ser ponderado é que a representação simbólica atribuída ao bairro Praia de Iracema, expressa na fala de alguns gestores como “vocaçao natural para o lazer”, pode ser definida como o diferencial da cidade de Fortaleza, na tendência mundial de “reinvenções” das cidades a partir de planos estratégicos de “requalificação”. Assim, para compensar a falta de uma arquitetura monumental presente nas cidades européias, ou coloniais – de algumas cidades do nordeste brasileiro como Salvador, São Luís ou Recife –, Fortaleza despontou como uma cidade turística, firmando-se na construção simbólica do passado boêmio da Praia de Iracema. Porém, tendo em conta o caráter conflituoso que por vezes assume o processo de construção

social dos símbolos urbanos, particularmente na designação de espaços “degradados” ou “requalificados”, procurei demonstrar, neste artigo, que as representações simbólicas associadas à “boemia” e à alegoria do “adeus” sinalizam valores culturais e mesmo morais dos habitantes desta cidade.

NOTAS

- 1 Robert Merton (1987) define o lugar estratégico de investigação como casos empíricos particularmente favoráveis ao estudo de determinados fenômenos complexos, difíceis de abordar; casos esses susceptíveis de proporcionar análises proveitosas e integradas dos fenômenos em causa e a descoberta de novos problemas merecedores de outras investigações.
- 2 Pierre Bourdieu, em *O Poder Simbólico* (1989), se refere à autoridade do discurso. Segundo este autor, o que atribui poder às palavras é a crença na sua legitimidade e naqueles que as pronunciam; crença cuja produção não é da competência das palavras.
- 3 Bourdieu (1989), citando Benveniste (1969), fala em *auctoritas* como a capacidade de produzir que cabe em partilha ao *auctor*.
- 4 Tomo este conceito a partir da definição de Ana Fani A. Carlos (1994). Para esta autora, na apropriação se colocam as possibilidades da *inversão* que faz parte da vida, *que institui o uso que explora o possível*, ligando-o a uma prática criadora. Observe-se que as apropriações dos usos, no caso, se referem às intervenções no tecido edificado.
- 5 Informações colhidas na dissertação de Schramm (2001).
- 6 Ponte (2000) esclarece que se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) – dizimando populações e devastando cidades –, é considerada o marco que decreta o fim da *belle époque* européia, os conflitos vividos em Fortaleza entre 1912-1914, com a destruição, depredação e incêndios de ícones da modernidade, comandados pelos coronéis aciologistas juazeirenses contra Franco Rabelo, significaram o início do declínio da *belle époque* experimentada em Fortaleza.
- 7 Esse acréscimo populacional foi consequência do fluxo migratório campo-cidade e decréscimo das taxas de mortalidade, provavelmente em decorrência de medidas de saúde pública, como a vacinação (GONDIM, 2007).
- 8 O bairro Aldeota surge nos anos 1930 como uma zona nobre. Como informa Pontes (2005), a designação Al-

- deota extrapola o sentido de nomeação de área geográfica, reforçando a idéia de um *modus vivendi* e de *status social*.
- 9 Essa edificação, atualmente conhecida como Estoril, tornou-se um ícone da boemia da Praia de Iracema e foi tombada como patrimônio cultural da cidade de Fortaleza, pela Prefeitura Municipal, em 1992.
 - 10 O porto do Mucuripe foi construído no litoral Leste da cidade de Fortaleza.
 - 11 Estas matérias jornalísticas foram colhidas a partir da dissertação de Schramm (2001).
 - 12 A construção da imagem de um Ceará moderno é uma antítese da imagem do Estado como atrasado e administrado por “coronéis” (Aduino Bezerra, César Cals e Virgílio Távora). Essa imagem foi combatida por Tasso Jereissati com a implantação de um “governo das mudanças”. Para maiores informações a respeito, ver Gondim (1998) e (2007).
 - 13 Para informações detalhadas sobre planejamento estratégico, ver: Carlos Vainer. “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano”, no livro *A cidade do pensamento único*, organizado por Otilia Arantes, Carlos Vainer & Ermínia Maricato (2002).
 - 14 O tema impacto da construção do Centro Dragão do Mar para a cidade de Fortaleza é abordado por Linda Gondim em *O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna* (2007). É importante ressaltar que o Centro Dragão do Mar foi edificado nos limites oficiais do bairro Centro, porém diversos discursos, inclusive nos meios de comunicação social, se referem ao local desse equipamento como bairro Praia de Iracema.
 - 15 Em 1990, o então vice-prefeito Juraci Magalhães assume a Prefeitura de Fortaleza, substituindo o titular, Ciro Gomes, que se afastou do Executivo Municipal para se candidatar ao cargo de governador do Estado do Ceará.
 - 16 O bar e restaurante *Pirata* foi inaugurado no ano de 1986 e, nessa mesma década, se transformou em uma casa de show com muito sucesso na cidade.
 - 17 Esta “Ponte” era utilizada por seus freqüentadores para a contemplação do pôr-do-sol, sendo denominada por estes como Ponte Metálica.
 - 18 Carlos Fortuna (1999) define como formas de sociabilidades efêmeras as relações sociais que se estabelecem e perduram apenas enquanto se puder continuar a consumir o “objeto”, como no caso dos monumentos.
 - 19 É importante ressaltar que essa ponte não foi utilizada para fins de embarque e desembarque de passageiros do porto da cidade, permanecendo inacabada até a reforma de 1994.
 - 20 No dia 14 de abril de 2005, foi instituído o Fórum Permanente em Defesa da Praia de Iracema, com o objetivo de reunir moradores e comerciantes para discutir e buscar soluções para os problemas que assolavam o bairro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos & MARICATO, Ermínia. (2002). *A cidade do pensamento único*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- AUGÉ, Marc. (1994). *Não-Lugares*. São Paulo: Papirus.
- BAPTISTA, Luís. Territórios Lúdicos (e o que torna um território): ensaiando um ponto de partida. In: BAPTISTA, Luís e NUNES, João Pedro S. (orgs.). (2005), *Cidade lúdica, cidade residencial*. Fórum Sociológico. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Números 13/14, p. 47-58.
- BARREIRA, Irllys. (2007). Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. In: *Análise social*, vol XLII (182), Lisboa, p. 163-179.
- BOURDIEU, Pierre. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. (1994). *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- CASTRO, José Liberal. (1988). *Fortaleza, tempos de guerra*. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto de Estado do Ceará.
- CERTEAU, Michel De. (1994). *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes.
- ELIADE, Mircea. (2002). *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva.
- ENTIDADES vêm ameaça à Praia de Iracema. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 28 de julho de 1985.
- FORTUNA, Carlos. (1999). *Identidades, percursos, paisagens culturais*. Oeiras: Celta Editora.

- GEERTZ, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GONDIM, Linda. (1998). *O Dragão do lazer e da cultura invade a Praia de Iracema*. Trabalho apresentado no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, PUCCAMP, Campinas, impresso.
- _____. (2007). *O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annablume.
- GURGEL, Márcia. Depois do mar, a voragem da especulação imobiliária. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 26 de maio de 1980.
- Jornal O Nordeste*, Fortaleza 2 de Julho de 1925.
- MERTON, Robert K., (1987). "Three fragments from a sociologist's notebooks: establishing the phenomenon, specified ignorance, and strategic research materials", *Annual Review of Sociology*, XIII.
- PONTE, Sebastião Rogério. (2000). *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUSA, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. (2005). *A cidade dos clubes: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- PRAIA de Iracema – reduto histórico e cultural em busca de sua preservação. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 16 de novembro de 1984.
- PRAIA de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 2 de agosto de 1984.
- PRAIA de Iracema: saudade e resistência. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 2 de agosto de 1985.
- PRAIA de Iracema perde sua identidade. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 20 novembro de 1985.
- Revista Ceará Ilustrado*, Fortaleza, n°. 13, 5 de outubro de 1924.
- Revista Ceará Ilustrado*, Fortaleza, n°. 70, 8 de novembro de 1925.
- SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. (2001). *Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema*. Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, impresso.
- UMA NOVA investida do oceano contra a praia. *Jornal O Povo*, 27 de abril de 1946.